

6CCSDEMCAOUT04**VIVÊNCIA EM OFICINA SOBRE O SIGNIFICADO DO CUIDAR DE UM PACIENTE
SEQÜELADO DE ACIDENTE VASCULAR ENCEFÁLICO**

Mônica de Assis Salviano Silva (1); Rafaella Felix Serafim Veras (2); Taline Souza Rocha (2);
Nadjaliny Cruz de Freitas (2); Jacira dos Santos Oliveira (3)
Centro de Ciências da Saúde/ Departamento de Enfermagem Médico-cirúrgica e
Administração/ Outros.

RESUMO

A utilização de dinâmicas de grupo para realizar pesquisas não se detêm apenas em reunir algumas pessoas, para discutir algum tema ou questão e registrar simplesmente o resultado desse encontro, no entanto exige sensibilidade e compromisso do pesquisador com o grupo que trabalha, é uma ação social. Esse trabalho tem por objetivo relatar a experiência dos discentes (participantes do Estágio Curricular não-obrigatório) na “Oficina de Vivência: O significado do cuidar de um paciente seqüelado de acidente vascular encefálico para a equipe de enfermagem” realizada no dia 02 de abril de 2007 na Clínica Médica B do Hospital Universitário Lauro Wanderley. Para nós, a experiência deste trabalho de dinâmica de grupos representou a quebra do limite entre a teoria e a prática; um momento de troca de experiências onde pudemos nos deparar com diferentes pensamentos, além de valorizar o nosso potencial individual.

Palavras-chave: oficina, acidente vascular encefálico, enfermagem

INTRODUÇÃO

A utilização de dinâmicas de grupo para realizar pesquisas não se detêm apenas em reunir algumas pessoas, para discutir algum tema ou questão e registrar simplesmente o resultado desse encontro, no entanto exige sensibilidade e compromisso do pesquisador com o grupo que trabalha, é uma ação social (MUNARI, 2001). Segundo Munari (2001), ao lançar mão da técnica de grupo também chamada de oficina, é importante abordar grupos sociais que possuam fatos ou situações específicas em comum, o que facilita a comunicação entre os participantes, ao mesmo tempo em que os mesmos são transportados para o seu próprio mundo ou situação. Desta forma, permite-se que as pessoas exponham suas percepções, opiniões sobre o tema, de modo espontâneo e livre, garantindo assim a fidedignidade das informações. Considerando os apontamentos supracitados, percebe-se a necessidade do estabelecimento de vínculo entre pesquisador e grupo possibilitando a exposição de pensamentos e a identificação das necessidades dos envolvidos tornando assim o encontro produtivo. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo descrever a vivência de discentes da graduação em Enfermagem com profissionais de uma Clínica em um Hospital Universitário durante a Oficina de Vivência: “O significado do cuidar de um paciente seqüelado de AVE para a equipe de enfermagem.

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

DESCRIÇÃO

O Acidente Vascular Encefálico (AVE) caracteriza-se por perda repentina de função cerebral resultante da interrupção (AVE isquêmico) ou extravasamento (AVE hemorrágico) do suprimento sanguíneo para determinada região do cérebro (SMELTZER, 2005). Por se tratar de um distúrbio vascular de grande incidência nas últimas décadas, especialmente no Brasil, o AVE deve ser considerado uma urgente questão de saúde. Pois, quando tratado precocemente o AVE costuma se apresentar com sintomas reduzidos e menores perdas da função cerebral. O paciente que sofreu AVE está em risco de múltiplas complicações, inclusive o descondicionamento e outros problemas músculos-esqueléticos, dificuldades de deglutição, disfunção intestinal e vesical, incapacidade para realizar o autocuidado e ruptura da pele, portanto, necessita de acompanhamento por parte dos familiares e da equipe de Enfermagem. Diante disso, o Enfermeiro possui papel relevante na assistência dispensada a pacientes seqüelados de AVE, ora escutando e encorajando o indivíduo, ora supervisionando o cuidado e evitando complicações físicas incapacitantes. Através do trabalho em grupo, o enfermeiro pode repensar sua prática e perceber a grandeza do seu cuidado através da troca de experiências e discussão com os outros componentes da equipe para que assim, a assistência se torne qualificada, holística e humanizada (JOVEM, 2007). De acordo com Osório (2000), o trabalho com grupos é uma arte e uma ciência, a medida que exige sensibilidade, criatividade, emoção e ao mesmo tempo, teoria, técnica e compromisso com o cuidado humano. Grande parte das atividades cotidianas desenvolvidas pelos seres humanos é realizadas em grupos que, quase sempre, influencia o indivíduo nos rumos de sua vida. Para Zimermam (1993), o grupo não é um mero somatório de indivíduos, pelo contrário, ele se constitui como uma nova entidade, com leis e mecanismos próprios e específicos. Podem assumir diversos formatos conforme suas finalidades, podendo ser de trabalho, de treinamento, terapêuticos, entre outros. O objetivo do trabalho com grupos é de estabelecer contato, sendo assim, quanto maior o grau de interação realizado pela experiência maior será a comunicação recíproca, a compreensão mútua e adequada a satisfação. Existem ainda, outras finalidades relevantes a esse tipo de trabalho entre elas: levantar a prática (o que as pessoas pensam, sentem, vivem e sofrem); retornar à prática, transformá-la e redimensioná-la; incluir novos elementos que permitem explicar e entender os processos vividos.

METODOLOGIA

Trata-se de um Relato de Experiência de estudantes da Graduação em Enfermagem a partir de vivências na Oficina: o significado do cuidar de um paciente seqüelado de AVE para a equipe de Enfermagem realizada em caráter de conclusão das atividades desenvolvidas no decorrer do Estágio Curricular Não-Obrigatório em Enfermagem (ECNOE). A Oficina foi realizada na Clínica Médica B do Hospital Universitário Lauro Wanderley (ECNOE-HULW), no dia 02 de abril de 2007. Para tanto, foram utilizadas técnicas facilitadoras de dinâmicas de grupo e foi constituído como objetivo: conhecer a concepção de profissionais de enfermagem sobre o

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

cuidar de um paciente seqüelado de AVE. Participaram da oficina quatro profissionais da equipe de enfermagem da referida Clínica em serviço no estabelecimento naquele dia. As atividades foram iniciadas pela apresentação dos participantes, com a distribuição de crachás de identificação e assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Posteriormente, houve momentos de descontração, que consideramos como fase de aquecimento; nesta, foi proposta uma dinâmica, que teve por objetivos: preparar cada participante para as atividades, favorecer o contato interpessoal e oportunizar um ambiente harmônico necessário para a continuidade da vivência. Em seguida, foi oferecido um exercício individual onde o profissional iria refletir sobre as intervenções que deveriam ser implementadas a um paciente seqüelado de AVE, expressá-las utilizando massa de modelar e, logo após, apresentar e explicar a arte para os demais componentes do grupo. Para finalizar, cada participante teve a oportunidade de expressar o significado de seu momento de reflexão e, a partir de então, os discentes puderam avaliar a importância da prática de grupos durante a rotina do serviço de Enfermagem, além de perceber a relevância do cuidado de Enfermagem para o grupo ao paciente seqüelado de AVE.

RESULTADOS

Ao iniciar a oficina, os participantes, ansiosos, se sentiram retraídos por não saberem o que estava por vir e apreensivos por estarem em horário de trabalho. Através da dinâmica de aquecimento, demonstraram interesse e atenção cooperando com o que foi proposto.

Durante o trabalho individual com massa de modelar, percebemos que o envolvimento se deu gradativamente culminando com a reflexão acerca do tema abordado. Neste momento, o grupo apresentou suas ponderações de tal forma que uma das componentes, se comoveu com o exposto. Os comentários realizados durante a exposição das artes com massa de modelar contribuíram positivamente. Os participantes levaram em consideração as necessidades fisiológicas, psicológicas, sociais e espirituais dos pacientes. Mostrando assim que todos os componentes tinham conhecimento sobre as carências dos pacientes seqüelado de AVE.

Ao mesmo tempo pudemos perceber a angústia da equipe em reconhecer que devido a carga horária exaustiva e ao excesso de trabalho nem sempre era possível realizar todas as atividades necessárias para que a assistência se dê de forma qualificada. No final do encontro, cada participante definiu com uma palavra o que representou a oficina para eles e todos se mostraram satisfeitos com as atividades e estimulados quanto a sua maneira de assistir um paciente seqüelado de AVE.

CONCLUSÃO

O trabalho em grupo é uma realidade no cotidiano do trabalho da Enfermagem, sendo vivenciado em todo o período da formação acadêmica do enfermeiro, bem como em toda a sua vida profissional, seja na atenção direta aos clientes, ou na relação com a equipe de trabalho.

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

Os obstáculos encontrados no desenvolvimento da oficina se referiram a nossa falta de experiência com a atividade em questão e a dificuldade em reunir os profissionais para o início da vivência. Por outro lado, o apoio e o conhecimento da professora responsável pelo acompanhamento do ECNOE nos proporcionou segurança e o vínculo estabelecido entre os funcionários e nós durante a Oficina. Este momento foi fundamental e proporcionou um encontro proveitoso para os participantes da pesquisa e para os estagiários. Para nós, a experiência da utilização da dinâmica de grupos como método de coleta de dados representou a quebra do limite entre a teoria e a prática; um momento de troca de experiências onde pudemos nos deparar com diferentes pensamentos, além de valorizar o nosso potencial individual.

REFERÊNCIAS

MUNARI, Denize Bouttelet ; ESPERIDIÃO, Elizabeth. ; MEDEIROS, Marcelo . **A Utilização do grupo como técnica de pesquisa.** In: 11º SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 2001, BELÉM. ANAIS, 11º SENPE, 2001.

MUNDO JOVEM. **Dinâmicas de grupo.** Disponível em: <http://www.mundojovem.pucrs.br/subsidios-dinamicas-01.php>. Último acesso em: 24 de abril de 2007;

OSÓRIO. L. C. **Grupos: teorias e práticas - acessando a era da grupalidade.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SMELTZER, S. C.; BARE, B. G. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.